

# Redução do risco de incêndio rural nas empresas: desafios e necessidades

CORREIA<sup>1</sup>, Fernando; TEDIM<sup>2</sup>, Fantina

<sup>1</sup> Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT); Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Via Panorâmica s/nº 4150-564 Porto; f.jorge.arouca@gmail.com

<sup>2</sup> Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT); Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Via Panorâmica s/nº 4150-564 Porto; ftedim@letras.up.pt

277

**Resumo:** A ocorrência dos incêndios extremos de 2017 e 2022 em Portugal causou elevados danos sociais e afetou centenas de infraestruturas. No total mais de 564 empresas sofreram danos, foram afetados cerca de 5000 postos de trabalho, e os prejuízos ascenderam aos 300 M€. As características das empresas (Almeida et al., 2019), dos incêndios extremos (Tedim et al., 2018) e os danos registados mostram a necessidade de preparar as empresas para responder aos incêndios extremos (Tedim et al., 2020). O objetivo deste trabalho é validar a proposta de 7 categorias funcionais da preparação que auxilia as empresas na minimização do risco e numa melhor resposta à ocorrência de incêndios. Foi aplicado um inquérito *on-line* e realizadas entrevistas semiestruturadas, cara a cara, a responsáveis das empresas afetadas nos municípios de Vale de Cambra, Arouca e Castelo Paiva, e Oliveira de Frades atingidos em 2017 e Albergaria-a-Velha em 2022. Para este trabalho foi feita uma análise estatística descritiva com o Excel os dados das entrevistas foram transcritos e codificados com o *software* NVivo. Os resultados mostram que, antes dos incêndios, 33 % das empresas não implementavam qualquer medida de redução do risco. Estas não eram uma prioridade e consideravam que os incêndios rurais não as afetariam ou que os bombeiros as protegeriam. Assim, antes dos incêndios, as empresas sem danos implementavam 1,6 vezes mais medidas que empresas que registaram danos. Após os incêndios, as empresas que sofreram danos implementam 1,3 vezes mais medidas que as empresas sem danos. Contudo, 74,3 % das empresas sentem-se pouco ou moderadamente preparadas para responder aos incêndios. Considerando que a ocorrência de incêndios extremos vai ser mais frequente, que não há apoio das Câmaras Municipais, GNR, ICNF e ANEPC e as medidas adotadas não são suficientes para evitar a ocorrência de danos, validamos 7 categorias funcionais (estrutural; planeamento; conhecimento; resposta; psicológica; cooperação e recuperação) com base na literatura científica (p.ex. Paton (2022)) e no trabalho de campo. Com este trabalho é, pela primeira vez, criada uma base que ajuda as empresas a definir medidas capazes de reduzir o risco e torná-las mais resilientes aos incêndios.

**Palavras-chave:** incêndios extremos; preparação; indústrias; resiliência

## Referências

- Almeida, M., Pinto, C., Prates, P., Rodrigues, A., Oliveira, R., Ribeiro, L. M., & Viegas, D. X. (2019). Mechanisms of fire propagation to industrial facilities affected by the major wildfire events occurred in Portugal on 15/Oct/2017. *Incendios Forestales: Amenazas y Oportunidades Ante Los Desafíos de Un Entorno Cambiante*, pp. 27–38. SINIF: Alicante, Spain: Colección: SINIF-Incendios Forestales, N° 2.
- Paton, D. (2022). *Advanced Introduction to Disaster Risk Reduction* (1st ed.). London: Edward Elgar Publishers.
- Tedim, F., Leone, V., Amraoui, M., Bouillon, C., Coughlan, M., Delogu, G., ... Xanthopoulos, G. (2018). Defining Extreme Wildfire Events: Difficulties, Challenges, and Impacts. *Fire*, 1(1), 9. <https://doi.org/10.3390/fire1010009>
- Tedim, F., McCaffrey, S., Leone, V., Delogu, G. M., Castelnou, M., McGee, T. K., & Aranha, J. (2020). What can we do differently about the extreme wildfire problem: An overview. In F. Tedim, V. Leone, & T. McGee (Eds.), *Extreme Wildfire Events and Disasters: Root Causes and New Management Strategies* (pp. 233–263). <https://doi.org/10.1016/b978-0-12-815721-3.00013-8>